INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Departamento de Comunicação

Clipping

Veículo: Correio do Povo
Data: 16/05/2019
Local/Abrangência: Estadual
Editoria/Coluna: Ensino
Link/página: 12 e 13

Editora assistente: Vera Nunes
Textos: Jessica Hübler, Carlos Corrêa e Jonathas Costa

DIA DE PROTESTOS

Atos mobilizam contra os cortes na Educação

Contingenciamento nas verbas de universidades e institutos federais levou milhares de pessoas para as ruas de todo o país

Manifestações em defesa de recursos para a Educação tomaram as ruas do país, ao longo de todo o dia de ontem. A mobilização nacional ocorreu em reação ao bloqueio, realizado pelo Ministério da Educação (MEC) no final de abril, de parte do orçamento das 63 universidades e dos 38 institutos federais de ensino. O corte, segundo o governo, foi aplicado sobre gastos não obrigatórios, como água, luz, terceirizados, obras, equipamentos e pesquisas. Despesas obrigatórias, como assistência estudantil e pagamento de salários e aposentadorias, não foram afetadas. No total, considerando todas as universidades, o corte é de R$ 1,7 bilhão, o que representa 24,84% dos gastos não obrigatórios (chamados de discricionários) e 3,43% do orçamento total das federais.

Em Porto Alegre, o principal ato ocorreu à noite e reuniu mais de 30 mil pessoas, segundo os organizadores. Com cantos de "o tsunami chegou", os manifestantes saíram da Esquina Democrática rumo ao Largo Zumbi dos Palmares, antes passando em frente à Prefeitura de Porto Alegre. Tanto a avenida Borges de Medeiros, como a avenida Loureiro da Silva ficaram bloqueadas nos dois sentidos, por cerca de 40 minutos, durante parte da caminhada. Protestos contra a Reforma da Previdência também apareceram nos cartazes. Grupos aproveitaram para convocar os presentes para a Greve Geral, no dia 14 de junho.

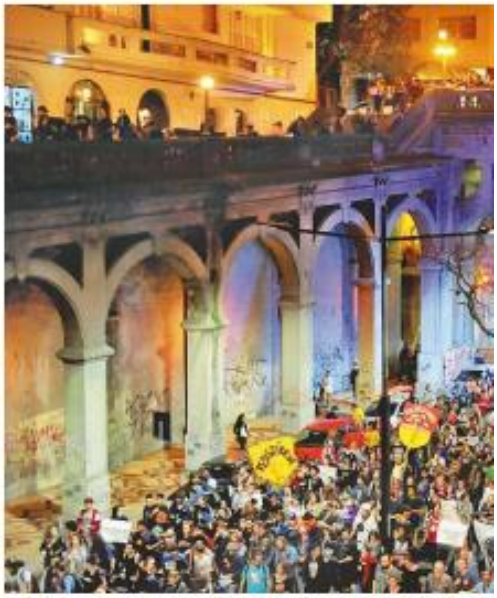
A manifestação, ao chegar no Largo Zumbi dos Palmares, começou a se dispersar no ponto final marcado. O movimento foi pacífico, com a EPTC e a Brigada Militar acompanhando parte do percurso da manifestação.

BOMBAS NA UFRGS. Pela manhã, a concentração de alunos e professores era grande nos arredores do campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), na Capital. Mesmo antes do horário combinado, início da tarde, o público já se dirigiu ao local levando cartazes e faixas de protesto.

Por volta do meio-dia houve um tumulto entre manifestantes e a Brigada Militar quando um grupo que panfletava no local tentou bloquear o trânsito na avenida Sarmento Leite. Três bombas de efeito moral foram arremessadas pelo Pelotão de Operações Especiais (POE) do 9º Batalhão da Brigada Militar (9º BPM). Apesar da correria, não houve registro de feridos e os manifestantes acabaram dispersando logo após o tumulto.

+ CONTEÚDO

Siga-nos a Cobertura do seu celular pelo e-mail ou Twitter sobre a manifestação na Capital



Na Capital, os protestos reuniram milhares de manifestantes desde o início da tarde

Caminhada percorre as ruas de Porto Alegre

A tarde de quarta-feira foi marcada por diversas etapas da mobilização, em Porto Alegre, contra os cortes na Educação. Por volta das 14h, os manifestantes realizaram um abraço simbólico ao prédio do Instituto de Educação General Flores da Cunha, na avenida Osvaldo Aranha. Logo após teve início a caminhada de alunos, professores e funcionários de instituições de ensino rumo ao centro da Capital.

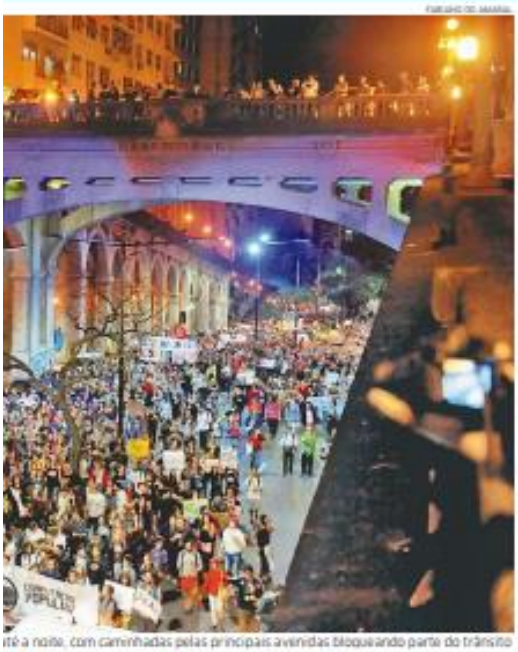
O trajeto começou na contramão na Osvaldo Aranha, com o auxílio da EPTC. Os manifestantes seguiram em direção ao Túnel da Conceição, depois para a avenida Alberto Bins e ingressaram na rua Coronel Vicente, até a sede do Campus Porto Alegre do Instituto Federal do RS (IFRS), na esquina com a rua Voluntários da Pátria. Após, a caminhada seguiu para a agência do INSS, entre a avenida Mauá e a rua Siqueira Campos, também no Centro. Na sequência, o ato deslocou-se para a Esquina Democrática, onde houve nova concentração. A organização do movimento estima que pelo menos 30 mil participaram da mobilização.

O caminhão de som foi embalado por discursos de lideranças do movimento estudantil, entre elas a presidente do Cpers, Helenir Schürer. "As ruas de Porto Alegre pertencem à resistência. Estaremos por muitos dias nas ruas, porque este foi o início, se engana quem acha que vamos parar por aqui", afirmou. Conforme Helenir, o sonho da educação não pode se encerrar no 3º ano do Ensino Médio. "Seguiremos até a vitória. Nós queremos acabar com os cortes da educação e derrubar a Reforma da Previdência", destacou. O ato, segundo ela, foi um "esquenta" para a Greve Geral de 14 de junho, organizada pelas centrais sindicais.

Instituto de Educação foi um dos pontos de concentração de estudantes e professores no protesto da Capital

Movimento estima que cerca de 30 mil pessoas marcharam durante a tarde

FERNANDO DE MARIAS



Até a noite, com caminhadas pelas principais avenidas bloqueando parte do trânsito

Ministro se explica na Câmara

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, em comissão geral no plenário da Câmara dos Deputados, voltou a dizer que alfabetização é prioridade da pasta e tem sido tratada pelo governo federal como instrumento de superação das desigualdades sociais do país. "Se a gente não alfabetizar bem a população, a gente vai continuar, principalmente no Ensino Técnico e no Ensino Médio, tendo uma sociedade com grandes discrepâncias de renda. Temos que elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem, promover a cidadania na alfabetização", disse.

Inicialmente, o ministro seria ouvido na Comissão de Educação da Câmara. No entanto, por 307 votos a 82, parlamentares convocaram Weintraub a comparecer à comissão geral. Na fala inicial, ele apresentou um raio x da Educação brasileira e, para contextualizar o cenário da pasta, apresentou números e dados sobre o assunto. Segundo o ministro, a Educação Básica, incluindo creche, pré-escola e os primeiros anos de alfabetização, está defasada. Ele afirmou que o Ensino Superior é o setor da Educação onde o Brasil está melhor, mas ressalta que isso se dá pelo crescimento das universidades privadas.

FERNANDO MARIAS / ESTADÃO CONTEÚDO / CP

Weintraub foi convocado para a comissão geral do plenário da Câmara

Autor do pedido de requerimento da comissão geral, o deputado Orlando Silva afirmou que Weintraub não justificou os critérios para o contingenciamento em seu discurso. Ao responder, o ministro afirmou que "o governo de Jair Bolsonaro não é o responsável pelo atual contingenciamento e que a evolução que a Educação teve nos últimos anos no Brasil não tem nada a ver com o atual governo, "porque não foi uma evolução, foi uma involução."

"Nós não somos responsáveis pelo contingenciamento. O orçamento atual foi feito pelo governo eleito de Dilma Rousseff e do sr. Michel Temer, que era vice. Nós não votamos neles. Então, não somos responsáveis pelo contingenciamento atual", afirmou. O ministro disse que quer aplicar na Educação os recursos recuperados de atos de corrupção na Petrobras.

Protestos ocorreram nos 26 estados e DF

Os protestos contra os cortes na Educação anunciados pelo Governo Federal nas últimas semanas ocorreram em cerca de 200 municípios nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. Os atos começaram pela manhã em cidades como Belo Horizonte, Brasília e Salvador, e na parte da tarde no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em apoio ao movimento, universidades e escolas – públicas e particulares – paralisaram as atividades.

Em Brasília, a PM estimou que 15 mil pessoas protestaram na Esplanada dos Ministérios. Os organizadores falaram num público de 50 mil. No final do ato, houve princípio de confusão entre policiais militares e um grupo isolado de manifestantes na Rodoviária do Plano Piloto. Os PMs utilizaram spray de pimenta. Segundo a polícia, três pessoas foram detidas após supostamente terem jogado rojões e pedras contra policiais.

Em São Paulo, milhares de estudantes, professores, ativistas políticos e sindicalistas fecharam, durante a tarde, as duas pistas da avenida Paulista. Alunos de escolas, faculdades e universidades públicas e privadas ocuparam também o vão do Museu de Arte de São Paulo (Masp). No Rio de Janeiro, as manifestações interditaram diversas vias no Centro. Professores de várias redes de ensino particulares foram dispensados do trabalho nesta quarta e engrossaram o protesto. À noite, houve tumulto e até um ônibus foi incendiado.

Na cidade de Salvador, a concentração dos manifestantes ocorreu pela manhã e o ato se encerrou debaixo de chuva. Já em Belém, o protesto teve a forma de aula pública na Praça da República, onde cerca de 20 mil pessoas se reuniram, segundo a Polícia Militar.

DIDA SAMPAIO / ESTADÃO CONTEÚDO / CP

Na Capital Federal, os organizadores calculam a participação de 50 mil pessoas

> Nós não votamos neles. Então, não somos responsáveis pelo contingenciamento atual.
>
> **Abraham Weintraub**
> Ministro da Educação

> Se você perguntar a fórmula da água, não sabe, não sabe nada. São uns idiotas úteis que estão sendo usados como massa de manobra de uma minoria espertalhona que compõe o núcleo das universidades federais.
>
> **Jair Bolsonaro**
> Presidente do Brasil

SUAMY BEYDOUN / JR / CP

Presidente cumpre agenda nos Estados Unidos até quinta-feira

Bolsonaro minimiza atos

Ao chegar a Dallas, nos Estados Unidos, onde participa de agenda até amanhã, o presidente Jair Bolsonaro chamou de "idiotas úteis" e "massa de manobra" os manifestantes que organizam os protestos. Ele classificou os atos como algo "natural" e disse que "a maioria ali (na manifestação) é militante".

Em rápida fala aos jornalistas, o presidente disse ainda que não gostaria que houvesse cortes na Educação, mas que não teve saída. "Na verdade não existe corte, o que houve é um problema que a gente pegou o Brasil destruído economicamente, com baixa nas arrecadações, afetando a previsão de quem fez o orçamento e se não tiver esse contingenciamento eu simplesmente entro contra a lei de responsabilidade fiscal", afirmou.

direto ao ponto

Mourão aponta falha de comunicação

■ O presidente da República em exercício, Hamilton Mourão, considera que o governo tem "falhado na comunicação" e precisa explicar melhor o contingenciamento na área da Educação. Para ele, a ida do ministro da Educação à Câmara dos Deputados, foi uma oportunidade para fazer esclarecimentos. Ao comentar as manifestações, em todo o país, disse que é "normal" e "faz parte do sistema democrático".

Ministro da Casa Civil faz críticas à pesquisa

■ O ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, disse que a pesquisa no Brasil não está conectada com "as novas tecnologias". A afirmação foi feita logo após deixar o plenário da Câmara onde o ministro da Educação estava sendo sabatinado. "O Brasil ainda faz pesquisa básica. Queremos fazer do Brasil um país com capacidade de dar vida esperança para nossos jovens", disse ele sobre os objetivos do governo na área.

Educação é 'intocável' diz o reitor da UFSM

■ O reitor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Paulo Burmann, afirmou em entrevista coletiva que a manifestação desta quarta-feira foi uma mensagem clara de que a "Educação é intocável". Foi uma mensagem independente de ideologias para as autoridades. "Se a situação persistir vamos ter sérios problemas a partir de setembro em todos os setores das universidades", salientou ele.